



ANPEd - Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação

12837 - Resumo Expandido - Trabalho - 41ª Reunião Nacional da ANPEd (2023)

ISSN: 2447-2808

GT24 - Educação e Arte

POR UMA VIRADA ARTÍSTICO-ESTÉTICA DOS PROCESSOS FORMATIVOS PARA A DOCÊNCIA

Luciana Gruppelli Loponte - UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL/FACULDADE DE EDUCAÇÃO

Agência e/ou Instituição Financiadora: CNPq

POR UMA VIRADA ARTÍSTICO-ESTÉTICA DOS PROCESSOS FORMATIVOS PARA A DOCÊNCIA

Resumo: Este artigo, de caráter ensaístico e reflexivo, é derivado de discussões realizadas no âmbito de pesquisa, que teve como objetivo principal investigar as aproximações possíveis entre processos e práticas artísticas contemporâneas e o campo da educação e formação docente, expandindo as noções tanto de arte como de docência. Neste texto específico, a ideia é defender uma virada de pensamento, um giro no modo com que lidamos com a problematização da arte no campo da educação e da formação, muito além de uma ênfase disciplinar e curricular, destacando as potencialidades éticas, estéticas e políticas da arte para o enfrentamento das emergências educacionais da nossa época, especialmente para a formação docente em qualquer área de conhecimento. Para tal, o artigo incursiona na discussão em torno da virada educacional no campo das artes, propondo uma virada artístico-estética dos processos formativos para a docência. Para finalizar, alguns exemplos de produções artísticas contemporâneas são mobilizados envolvendo uma expedição, alguns alunos e uma escola infantil, concluindo com uma aposta.

Palavras-chave: Docência, Práticas artísticas contemporâneas, Arte, Estética.

A discussão em torno da arte no campo da educação no Brasil consegue sair de si mesma e de seus problemas corporativos e do reforço dos mesmos e constantes argumentos e referenciais teóricos? Qual o sentido de um grupo de trabalho que tematiza Educação e Arte em uma entidade como a ANPEd? Com essas perguntas iniciais, pretendo realizar o movimento de deslocar as perguntas que são feitas em torno da arte e da educação e do lugar delas em um debate educacional mais amplo. Me inscrevo aqui na “tarefa interminável” que implica os estudos e pesquisas sobre formação e arte (PEREIRA, 2010).

Este artigo, de caráter ensaístico e reflexivo, é derivado de discussões realizadas no

âmbito de pesquisa que teve como objetivo principal investigar as aproximações possíveis entre processos e práticas artísticas contemporâneas e o campo da educação e formação docente, expandindo as noções tanto de arte como de docência. Neste texto específico, a ideia é defender uma virada de pensamento, um giro no modo com que lidamos com a problematização da arte no campo da educação e da formação, muito além de uma ênfase disciplinar e curricular, destacando as potencialidades estéticas, éticas e políticas da arte para o enfrentamento das emergências educacionais da nossa época, especialmente para a formação docente. Para tal, o artigo incursiona no debate em torno da virada educacional no campo das artes, propondo uma virada artístico-estética dos processos formativos para a docência. Para finalizar, alguns exemplos de produções artísticas contemporâneas são mobilizados envolvendo uma expedição, alguns alunos e uma escola infantil, concluindo com uma aposta.

Das viradas

Uma virada: virar-se, olhar em outra direção, dar uma guinada. Um *turning point*, um ponto de inflexão que afeta modos de pensar e viver de qualquer um. Se, como Foucault, nos permitimos pensar diferentemente do que pensamos ou perceber diferentemente do que vemos, já entendemos que tais movimentos são indispensáveis “para continuar a olhar ou a refletir” (FOUCAULT, 1998, p.13). As viradas de pensamento surgem de urgências diante das problemáticas complexas que enfrentamos, instaurando novas discursividades e atitudes diante do que já julgamos ser conhecido. Se, por um lado, uma virada pode ser considerada um dispositivo retórico banal, quase como um modismo facilmente apropriado por discursos neoliberais, por outro, podemos focar nas possibilidades que esta nomeação postula: uma dinâmica processual e não uma condição fixa ou estável, o deslocamento de territórios e de posições já estabelecidas e normatizadas (O’NEILL, WILSON, 2010).

A chamada *virada educacional* no campo das artes, é uma tendência percebida há pouco mais de uma década no campo curatorial das artes visuais contemporâneas. *Educational turn*, *giro educativo*, *virada educativa*, em linhas gerais, remete a um movimento difuso, em que artistas e curadores de arte de várias partes do mundo têm se voltado para a educação como temática ou como um modo dialógico e experimental de conceber produções e exposições. Tal movimento tem como marco exposições de arte contemporânea como a 6ª Bienal do Mercosul (Porto Alegre, Rio Grande do Sul, Brasil, 2007) e a Documenta 12 (Kassel, Alemanha, 2007), além de outras iniciativas como escolas experimentais, conferências etc. Tal virada tem sido escrutinada, apontando-se as contradições dos discursos curatoriais e a centralidade episódica de determinados projetos educativos de grandes exposições, quase sempre subestimados em seu potencial e descartados assim que possível pelos sistemas artísticos. Parte desse movimento internacional, pouco orgânico e coeso, alimenta seus argumentos em torno da necessidade de formatos pedagógicos e democráticos de acesso do público às artes contemporâneas a partir da teorização crítica em torno da educação, assumindo uma posição contrária a uma educação pautada pelos imperativos neoliberais.

No entanto, chama a atenção que toda essa inquietação e preocupação de artistas e curadores com a educação passam ao largo do próprio campo educacional, especialmente no âmbito da educação básica. Se, de algum modo, a virada educativa dos processos curatoriais, a introdução de ambientes de conversação nos espaços expositivos e de uma “estética pedagógica” trouxe ares novos a certas práticas artísticas contemporâneas, quais as modificações estéticas e artísticas que fizemos em nossos modos de pensar a educação, práticas pedagógicas e curriculares? Destaco que aqui trato da educação de forma ampla, não restrita ao que podemos chamar ensino de arte, arte-educação ou o nome que queiramos defender. Compartilho aqui da irritação de Morsch (2015, p. 19) em relação a um conjecturado papel “heroico” da arte em relação a educação no marco da virada educativa.

Enquanto artistas e curadores arvoram-se, a partir do sistema das artes, a encontrar soluções revolucionárias para o que se considera educação e suas formas engessadas, evocando movimentos supostamente mais críticos, nós, desde o campo da educação, nos limitamos a pensar os problemas educacionais quase sempre a partir dos mesmos pontos de partida ou insistindo nas mesmas perguntas sobre formação docente, políticas educacionais, currículo, metodologias de ensino.

É nesse sentido que reivindico uma virada artístico-estética para os processos formativos em educação, especialmente para a docência que habita a escola básica: mudar a rota em direção às múltiplas possibilidades que a arte pode oferecer para os processos formativos, indo além do modo como se subestima seu lugar no campo da educação. Há aqui o desejo de um movimento ativo (ROGOFF, 2018), uma virada nos processos formativos para a docência em que a relação entre arte, estética, ética e política sejam imprescindíveis.

Antes de seguir adiante, é preciso deixar claro de que arte e de que estética estamos tratando. Evitando mal interpretações, demarco desde já que não se trata da defesa de uma estetização superficial (WELSCH, 1999), de uma atitude cosmética dos processos artísticos e formativos. Na educação no Brasil já temos exemplos suficientes desse tipo de postura que, sabemos, não nos leva a lugar algum. Enquanto restringimos a nossa discussão sobre arte na educação ao espaço curricular cada vez mais minguado, temos perdido um tempo precioso na ocupação de espaços estratégicos no campo da educação. Arte e estética ainda adjetivam a educação apenas em segundo plano, lembradas por acaso em alguns discursos mais inflamados. Talvez, por isso, esteja chegando mesmo o momento de estabelecermos "um estratégico momento de virada", tal como já advertia Pereira (2012, p. 12) em texto que traz um balanço dos 10 anos do GT Educação e Arte na ANPEd.

No pouco espaço deste texto sinalizo que trato de estética fortemente aliada a ética e à relação com os outros, pautando uma experiência que assume “um papel decisivo na formação ética que pretenda estar atenta à alteridade” (HERMANN, 2014, p. 143). O debate sobre estética assumido aqui se afasta de concepções clássicas ligadas ao belo e obras de arte canônicas e referencia-se em práticas artísticas contemporâneas encarnadas na vida do nosso tempo, “experiências epistemológicas que renovam as formas de perguntar, traduzir e trabalhar com o incompreensível ou o surpreendente” (CANCLINI, 2012, p. 50).

Reivindicar que a arte e a estética ocupem um lugar mais amplo no campo da

educação não é propriamente uma novidade. Vale a pena reler com mais atenção os argumentos já lançados há tempos por Eisner (2003), por exemplo, quando indagava sobre o que pode a educação aprender das artes sobre a prática de educação. Ou ainda movimentar o discurso sobre as “artistagens na educação” (AQUINO, CORAZZA, ADÓ, 2018), para citar apenas alguns exemplos. Contudo, uma emergente produção nesse sentido, mesmo que a partir de distintas argumentações teóricas, é ainda rarefeita, ecoando ora aqui ou ali, com poucos efeitos mais diretos no modo como se pensa a educação e, especialmente, a formação docente em nosso país.

Por ora, neste trabalho trago para a conversa as produções de artistas brasileiros contemporâneos que, de algum modo, ensaiam respostas a pergunta de Eisner, ou às renovadas indagações filosóficas ou pedagógicas que temos feito até então. Dessas produções, extraio possibilidades para pensar de outros modos a educação e seus problemas urgentes. Tais produções não são ilustrativas, não buscam soluções ou alternativas, mas encaram as problemáticas educacionais complexas a partir de outras vias de entendimento, brechas para o estabelecimento de relações e aproximações ainda impensadas sobre educação e docência.

Uma expedição, alguns alunos, uma escola e uma aposta

Um coletivo de artistas do centro-oeste do país se inquieta com a notícia que mais de 60.065 escolas rurais foram fechadas nos últimos 20 anos no Brasil. Da indignação, criam a proposta de uma expedição para conhecer as ruínas de um projeto educativo acossado pela expansão do agronegócio. Sob a denominação de “Expedição Catástrofe: uma arqueologia da ignorância”, o coletivo percorre uma parte do interior do país, fazendo registros, conversando com pessoas, dando vida aos números tão aterrorizantes. Como desdobramento do projeto, anos depois, o grupo passa a buscar não apenas as escolas fechadas, mas “aquelas que resistem, reinventam e criam experiências alternativas de escolas vivas” (FIRMEZA et al, 2022, p. 4).

Alexandre Paes, artista e professor da educação básica, tem como uma das matérias-primas do seu trabalho o que vive com seus próprios alunos de escolas públicas do RJ. Com materiais oriundos da sua própria atividade docente, como cadernos usados, restos de lápis, livros didáticos descartados, trata da violência que emerge fora e dentro da escola e, de algum modo, ressignifica as angústias provocadas pelo trabalho exaustivo de docentes diante da precariedade e das condições desfavoráveis na escola pública.

Na Documenta de Kassel de 2022, Graziela Kunsch propôs a criação de um espaço destinado a mães, pais e bebês, intitulado “Creche parental”. Inspirada na pedagogia criada pela pediatra húngara Emmi Pikler, Graziela criou um espaço para livre exploração de bebês de 0 a 3 anos que, sob a supervisão de seus responsáveis, pode experimentar movimentos, brincar com objetos simples, estabelecer relações com outras crianças.

A produção desses artistas, apresentadas de forma muito resumida ^[1], direta ou indiretamente, toca em pontos cruciais do debate educacional brasileiro: a precariedade das escolas, a desigualdade da oferta escolar, a violência, a exclusão social, racismo, a educação infantil, o lugar da infância e da parentalidade nos espaços públicos, entre outros tantos temas. Arte, vida e experiência cotidiana se mesclam de modos distintos, ativando relações inexploradas, sem uma mensagem edificante sobre o que deve ser feito.

A aposta é que a arte contemporânea, ainda que imersa em contradições e jogos capitalistas de poder, seja uma fonte disparadora de problematizações de novos modos de pensar a docência e a complexidade de seus desafios, muito além do que fórmulas engessadas por determinados padrões de produtividade ambicionam. Arte e estética aqui são entrelaçadas com a própria vida, a uma arte de viver coletiva, uma ética consigo e com os outros, mais do que a criação de objetos artísticos. A arte de viver, como reivindica Foucault (1977), é adversária a todas as formas de fascismo, desde aqueles cotidianos aos soberanos que querem subjugar nossas vontades e desejos. Uma possível virada artístico-estética nos processos formativos para a docência indica um reposicionamento dos nossos esforços em torno da arte e da educação. Estamos preparados?

Referências:

AQUINO, Júlio Groppa, CORAZZA, Sandra Mara, ADÓ, Máximo. Por alguma poética na docência: a didática como criação. **Educação em Revista**, v. 34, p. 1-18, 2018.

CANCLINI, Néstor García. **A sociedade sem relato: antropologia e estética da iminência**. São Paulo: EDUSP, 2012.

EISNER, Elliot E. Artistry in education. **Scandinavian Journal of Educational Research**, Vol. 47, No. 3, p. 373-384, 2003.

FIRMEZA, Yuri et al (org.). **Composto escola: comunidades de sabenças vivas**. São Paulo: n-1, 2022.

FOUCAULT, Michel. **História da sexualidade 2: o uso dos prazeres**. Rio de Janeiro, RJ: Graal, 1998.

FOUCAULT, Michel. **Anti-Édipo: uma introdução à uma vida não fascista**, 1977. Disponível em: <http://michel-foucault.weebly.com/uploads/1/3/2/1/13213792/vidanaofascista.pdf> Acesso em 27 mar. 2023.

HERMANN, Nadja. **Ética e Educação: outra sensibilidade**. Belo Horizonte: Autêntica, 2014.

O'NEILL, Paul, WILSON, Mick (eds.). **Curating e educational turn**. Londres: Open, 2010.

MORSCH, Carmen. Contradecirse una misma: la educación en museus y mediación educativa como práctica crítica. In: CEVALLOS, Alejandro, MACAROFF, Anahi (eds.)

Contradecirse una misma: museos y mediación educativa crítica. Experiencias y reflexiones desde educadoras de la documenta 12. Quito: Fundación Museos de la Ciudad, 2015.

PEREIRA, Marcos Villela. Educação e arte: a consolidação de um campo interminável. **Revista Digital Do LAV**, 4(4), 119–138, 2010.

PEREIRA, Marcos Villela. Educação e arte: dez anos de trajetória do GT 24. **Revista Brasileira de Educação**, v.26, p. 1-21, 2021.

ROGOFF, Irit. Turning. **e-flux Journal**, n. 0, nov. 2008.

WELSCH, Wolfgang. Estetização e estetização profunda ou: a respeito da atualidade do estético nos dias de hoje. **Porto Arte**, Porto Alegre, v.6, n.9, p. 7-22, mai. 1995.

[1] Sobre as obras dos artistas citados, ver: <https://expedicaocatastrofeblog.wordpress.com/> <https://alexandrepaesstudio.hotglue.me/?2020-2021> e <https://naocaber.org/public-daycare/>